
A Amazônia Vista Pelo Olhar Insubordinado de Eliane Brum: Perspectivas Sobre um Jornalismo que Compreende¹

Carolina Moura KLAUTAU²
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

A relação entre Eliane Brum e as Amazônias, como prefere, dura mais de vinte anos. A repórter tem narrado as transformações vividas pela fauna, flora e pelos protagonistas sociais da região com a chegada dos Grandes Projetos, implantados nos anos de 1970, que buscavam a integração do Brasil e a ocupação da floresta. Em 2018, Eliane Brum publica uma série de reportagens no portal *El País Brasil*, contando a saga das tartarugas-da-amazônia pela sobrevivência. Este artigo busca um diálogo entre duas reportagens que compõem a série e as noções de incerteza e complementaridade de opostos, como trabalhadas pela epistemologia da compreensão. Entendemos que Brum, ao dialogar com as duas noções, está mais afeta à tentativa de compreensão do que à explicação dos fenômenos, construindo uma reportagem complexa sobre os protagonistas do cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: epistemologia da compreensão; reportagem; incerteza; complementaridade de opostos; Eliane Brum.

O olhar insubordinado da repórter

Em *A vida que ninguém vê* (2006), Eliane Brum assume que gosta “de histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico” (BRUM, 2006, p. 187). A repórter está mais preocupada em ver, ouvir, sentir e fazer com que as pessoas se identifiquem com as histórias narradas por ela, do que explicar os fenômenos sociais ou aquilo que se entende como realidade. Brum abre mão de narrar os “sobre humanos”, os astros, os artistas – os “olimpianos”, segundo Edgar Morin (1997) – para falar da gente comum, das “desimportantes”, mostrando que o que o seu “olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário” (BRUM, 2006, p. 187).

A repórter gaúcha é movida pelas histórias de quem protagoniza o drama cotidiano, histórias essas que os manuais de redação ensinam que não interessam ao jornalismo,

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi (UAM). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. E-mail: carolklautau@gmail.com

como diz Raúl Osório Vargas (2017), porque não há nada de extraordinário ou de interesse público nelas. Para Brum (2006, p. 187), em contrapartida, não existe uma pessoa que não tenha uma história que possa ser contada, porque “cada pequena vida é uma Odisseia”.

A sua busca pelo cotidiano é constantemente permeada de sensibilidade, de mobilização dos cinco sentidos – em contraponto à cultura ocidental pautada, majoritariamente, pela audição e visão, como pontua Luís Carlos Restrepo (1994) – de corpo presente e de diálogo.

Com os sentidos em alerta, a repórter gaúcha faz da “arte de olhar” (BRUM, 2006, p. 190) seu guia para entrar em contato com as histórias do cotidiano. E olhar, vale dizer, não é para a tela do computador, para os celulares e para os dígitos dos telefones das redações, mas um “olhar que olha para ver, que se recusa a ser enganado pela banalidade e que desconfia do óbvio” que, para ela, “é o primeiro instrumento de trabalho do repórter. Só pode ser exercido sem a mediação das máquinas”. A jornalista é pautada, então, pelo signo da relação, que é a epifania do encontro com o Outro (MEDINA, 2006).

Tenho pena dos repórteres das teses prontas, que saem não com blocos, mas com planilhas para preencher aspas determinadas. Donos apenas da ilusão de que a vida pode ser domesticada, classificada e encaixotada em parágrafos seguros. Tudo o que somos de melhor é resultado do espanto. Como prescindir da possibilidade de se espantar? O melhor de ir para a rua espiar o mundo é que não sabemos o que vamos encontrar. Essa é a graça maior de ser repórter. (Essa é a graça maior de ser gente.) (BRUM, 2006, p. 192-193).

A série de cinco reportagens³ que Eliane Brum escreve sobre as caça predatória às tartarugas-da-amazônia, publicada pelo portal *El País Brasil e Amazônia Real* em janeiro de 2018, simultaneamente, é mais uma incursão da repórter pelas Amazôniaas – para ela, é no plural. É mais um mergulho que completa mais de vinte anos de tentativas de narrar as transformações que a floresta vem sofrendo desde que os Grandes Projetos foram instalados na região.⁴

Como exemplo dessas mudanças, desde 2011 a jornalista acompanha o processo de construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, localizada no rio Xingu, no Pará,

³ As reportagens e suas ordens de publicação são: “Gumercinda e Alice querem viver”, “O predador que virou protetor”, “O ribeirinho e a tartaruga”, “Desmandos e impunidade ameaçam tartarugas”; e “Oito tartarugas de chifre e dois humanos criativos”. Disponível em: < <https://amazoniareal.com.br/gumercinda-e-alice-querem-viver/> >. Acesso em: 10 ago. 2020.

⁴ O período da Ditadura Militar marca o desenvolvimento dos Grandes Projetos que, durante os anos de 1970, buscavam a integração do Brasil e a ocupação da região amazônica. Algumas das obras desenvolvidas durante o período foram a Usina Hidrelétrica de Tucuruí (1974/1975), Projeto Trombetas (1979), Projeto Carajás (1985) e Projeto Albrás/Alunorte (1989), como mapeia a pesquisa de Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior (2006).

percebendo que cerca de 40 mil pessoas, a maioria ribeirinhas, foram expulsas de suas casas à beira do rio, e transportadas para a periferia de Altamira, a segunda cidade mais violenta do Brasil, segundo pesquisa do Atlas da Violência publicada em 2019.⁵ Nesse mesmo período, a repórter pôde perceber a dificuldade que pescadores enfrentam para exercer seu trabalho, pois os rios foram afetados pela construção da hidrelétrica, além de relatar a morte de milhares de animais, como preguiças, macacos guaribas, pacas e cotias.

Diante desse cenário, para refletir sobre o jornalismo que busca compreender os fenômenos, em diálogo com as noções da incerteza e da complementaridade de opostos, foram selecionadas as duas primeiras reportagens da série (“Gumerinda e Alice querem viver” e “O predador que virou protetor”).

Gumerinda e Alice lutam pela sobrevivência

A série inicia com a narração das aventuras de Gumerinda e Alice, duas tartarugas-da-amazônia, “um dos maiores quelônios de água doce do mundo” de uma espécie que “reedita, ano após ano, uma saga impressionante” (BRUM, 2018), em busca da sobrevivência. Enquanto a equipe de reportagem está em campo, a novinha Alice “brota da terra”; já Gumerinda, que poderia até ser a mãe da recém-nascida, é uma das oito tartarugas monitoradas por Cristiane Costa Carneiro, a “Cris das Tartarugas”, e Juarez Pezzuti, ela e ele integrantes do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém, a capital do estado. Assim, a repórter nos situa diante de Alice:

Ela é pouco maior do que uma unha. Mas uma unha é capaz de esmagá-la. Sou o primeiro ser vivo que ela vê, meu olhar seu primeiro contato com o mundo de fora, o planeta que fica além da areia. Vida com vida. O êxtase é todo meu, ela pode estar apenas assustada. Ou curiosa. Ainda no lado de dentro, há o restante de seu pequeno corpo. Abra seu polegar e seu indicador, mas não muito, e você saberá o tamanho dela. Vou chamá-la de Alice, porque nós, humanos, gostamos de nomear. Mas ela deve se conhecer por caminhos que desconhecemos (BRUM, 2018).

Para tecer a reportagem, Brum e Lilo Clareto (repórter fotográfico) visitam a Ilha do Juncal, onde fica o Refúgio de Vida Silvestre Tabuleiro do Embaubal, localizado no município de José Porfírio. Eles passam alguns meses vivendo o cotidiano da região, junto com a bióloga Cristiane Costa Carneiro, a única entrevistada da reportagem.

⁵ Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190802_atlas_da_violencia_2019_municipios.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

Graças a um rádio acoplado às costas de Gumercinda, a repórter consegue narrar o trajeto de mais de 800km, percorridos em cerca de treze dias, que a tartaruginha nada de Afuá, cidade localizada no arquipélago do Marajó, também no Pará, até Tabuleiro do Embaubal, em busca do local mais seguro para pôr seus ovos na areia. Cada vez que Gumercinda sobe à superfície para respirar, a antena em sua carapaça envia sinais a um satélite e, assim, é possível saber sua localização. A narrativa que Brum constrói com essas informações é tão rica em descrições – “Gumercinda fareja a fera que é humana. E a teme. Gumercinda escuta. Está arisca, com medo” (BRUM, 2018) – que é quase como se a repórter estivesse lá, nadando contra a correnteza junto com a tartaruga.

A jornalista, em diversos momentos, parece mais uma espectadora do milagre do nascimento das tartaruginhas do que narradora do fato – e em algumas passagens ela até imprime suas próprias observações em primeira pessoa, mas sem fazer com que o foco narrativo seja sua experiência, pois ele continua sobre a odisseia de Alice, de nascer, e de Gumercinda, de gerar outras vidas e de sobreviver.

É nítido que Eliane Brum (2018) está apaixonada pelo que vê e que é enorme a emoção de poder acompanhar saga das duas tartaruginhas. Sua sensibilidade aflora, por exemplo, no momento em que Alice nasce, descrito por ela como “uma das emoções mais intensas da vida de uma repórter”. As jornadas inspiradoras de Gumercinda e Alice movem a jornalista em direção à tentativa de contar a melhor história possível sobre essas duas inusitadas personagens.

O predador que virou protetor

Brum também se aventura a narrar a história de Luiz Cardoso da Costa que, durante muitos anos, foi conhecido como “Quiabo”, por sempre conseguir “escorregar” da polícia que fiscaliza a caça irregular de tartarugas em Tabuleiro do Embaubal. Em “O predador que virou protetor” conhecemos esse personagem que guarda em si opostos que se complementam, como diz o próprio título da reportagem.

Luiz Cardoso da Costa, “um daqueles homens que carrega uma densidão no rosto” (BRUM, 2018), foi um dos maiores caçadores de tartaruga de José Porfírio, uma “habilidade” que era ensinada de pai para filho. Ele diz que ele não é uma pessoa de todo mal, apesar de ter sido malvado em vários momentos porque a caça às tartarugas era mais como um “rito de passagem” do que uma atividade maléfica – “e era grande um homem” aquele “que atravessava a comunidade com uma tartaruga na cabeça” (BRUM, 2018). A

caça de tartarugas transformou-se na principal fonte de renda de ribeirinhos da região e, além disso, a carne do animal é uma das mais importantes fontes de proteínas da dieta daqueles que vivem na beira dos rios.

Para a infelicidade das tartarugas, pessoas como “Quiabo”, seus inimigos, são as que mais conhecem seus comportamentos de tão “íntimos que são”. O que é possível fazer para diminuir a caça predatória, na leitura da repórter, é fazer os caçadores mudarem de lado, pois “as tartarugas só teriam proteção real quando os ribeirinhos pudessem enxergá-las por outro ângulo” (BRUM, 2018). Seres humanos, ao mesmo tempo que precisam das tartarugas para garantir sua alimentação e, em certas épocas do ano, a sobrevivência, são os piores inimigos da espécie.

Luiz Cardoso da Costa é um exemplo de quem convive com os opostos dentro de si numa relação de complementaridade, porque passou a enxergar a questão da caça de outra forma. A opinião dele é a de que “você só aprende a cuidar daquilo que você conhece. Não é verdade? A partir do momento em que você passa a conhecer, você passa a ter respeito por aquilo”. O aprendizado que adquiriu fez com que se transformasse de predador em protetor, quando funcionários do IBAMA iam até sua região. De alguém que usava o conhecimento sobre as tartarugas para matá-las, passou a ser protetor delas; deixou de ser o melhor caçador para ser o melhor protetor.

Compreender não é explicar

“Compreender é diferente de explicar. A explicação adota geralmente uma visão unilateral, verticalizada, de cima para baixo, reducionista. Mostra o mundo sob uma ótica única ou de pouca abertura”, diz Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 366). A compreensão, continua o autor, “busca exibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos e perspectivas”.

Em seu sentido original, no latim, *comprehendere* significa “abranger, abraçar ou pegar junto” (KÜNSCH, 2005, p. 46). Uma epistemologia compreensiva, como chama Pedro Brito (2015), pode ser entendida como um esforço de aproximar diferentes formas de conhecimento do mundo, sem relações de hierarquia, pensando “cada uma a seu modo, com sua verdade própria e com os seus limites e suas mazelas, no mundo físico e humano, incluindo o mundo dos fatos e situações do presente” (KÜNSCH; KLAUTAU, 2017, p. 4) – essa última, aliás, é território do jornalismo.

A epistemologia compreensiva estabelece diálogos com o pensamento da complexidade, da forma como é trabalhado por Edgar Morin (2015), e com o “paradigma emergente” de que fala Boaventura de Sousa Santos (2008a). Essas três perspectivas contemporâneas sobre o conhecimento guardam algumas características em comum: estabelecem críticas ao pensamento cientificista (que acredita que só há salvação dentro da Ciência); valorizam aquilo que o próprio cientificismo excluiu como possibilidade de resposta da natureza aos experimentos – a incerteza e a complementaridade de opostos, por exemplo; e pensam que o conhecimento é feito mais de abraço à diversidade do que de exclusão.

Cada epistemologia, à sua maneira, reconhece que nosso tempo é mais de diálogo do que de separação, que a Ciência fez muito para melhorar nossas vidas, mas que, também, nos trouxe quase a possibilidade de autodestruição (MORIN, 2015). Para Ana Maria Dalla Zen (2010, p. 50), “a ciência chegou a lugares inimagináveis e a tecnologia nos deixa de boca aberta, a cada momento indo mais longe”. No entanto, “o avanço científico trouxe consigo novos problemas sociais”, como a exclusão nas grandes cidades, o aumento em casos de violação dos direitos humanos e a criminalização na política...⁶ É aí que a compreensão busca atuar: ligar e colocar para conversar diferentes tipos de conhecimento, além da Ciência, entendendo que cada um deles possui fragilidades e potencialidades.

Outra proposta da epistemologia da compreensão é levantar, cada vez mais, “mais interrogações e vírgulas” e “menos pontos finais”, sugere Dimas Künsch (2009, p. 41). O reconhecimento das incertezas que permeiam o processo de conhecimento, dentro da epistemologia compreensiva, é considerado tão importante quanto as respostas que, eventualmente, podemos alcançar. Mais do que conclusões, a compreensão busca miradas diversas sobre um fenômeno porque, como diz Susanne Langer (2004), não são as respostas que marcam o pensamento de um tempo e sua cultura, mas as boas perguntas.

A epistemologia compreensiva também abraça, gentilmente, “duas coisas que a academia anda longe de compreender, integrar, abraçar. A coisa e seu contrário”: a incerteza e a complementaridade de opostos. Heráclito, ainda na Grécia antiga, para quem

⁶ Aqui cabe uma ressalva que é ainda mais importante quando olhamos o momento político e cultural pelo qual o Brasil atravessa, de intensos ataques e descréditos à Ciência: a epistemologia da compreensão não pretende “negar o valor e a validade da ciência como forma de conhecimento”, mas pretende “iluminar e sublinhar que” a ciência “não está acima das demais possibilidades” de conhecimento (KÜNSCH; MENEZES; PASSOS, 2017, p. 14), mas que é, na verdade, uma delas. O que a compreensão tenta é uma perspectiva dialógica do conhecimento, quando busca realizar uma roda de conversas entre diferentes autores, autoras, teorias e saberes do mundo.

deus é fome e barriga cheia (KÜNSCH, 2008), já chamava a atenção para a conversa com aquilo que, aparentemente, é antagônico. Os mitos, a arte, as religiões, a linguagem simbólica... Todas praticam um diálogo ancestral com essas duas noções que acompanham nossa trajetória pelo mundo *in illo tempore*. Incerteza e complementaridade de opostos são “constitutivos de um mundo e de um pensamento dialógico, aberto, ora fascinado ora sob o efeito terrível do assombro e do medo” (KÜNSCH et al 2017, p. 16). Dito de outra forma, de um pensamento compreensivo.

Incerteza e complementaridade de opostos

O poeta argentino Jorge Luís Borges, em 1969, escreve um poema inspirado em um dos maiores filósofos do período pré-socrático ou cosmológico: Heráclito de Éfeso (535 a 475 a.C.), que fez parte da Escola Jônica, de acordo com Marilena Chauí (2000). Nos últimos versos da poesia que leva o nome do filósofo, ele diz:

O rio me arrebatava e sou esse rio.
De matéria perecível fui feito, de misterioso tempo.
Talvez o manancial esteja em mim. Talvez de minha sombra, fatais e ilusórios,
surjam os dias.

Muito pouco se sabe sobre a vida daquele que ficou conhecido na Antiguidade como “O Obscuro”, segundo José Cavalcante de Souza (1973). Mas conta-se que ele pertencia à família real da cidade de Éfeso e que renunciou à possibilidade de ser rei, para que seu irmão assumisse o cargo.

Os aforismos, as frases isoladas, são características marcantes de sua obra, assim como a perspectiva de que existe uma harmonia oculta sob todas as coisas opostas. E essas mesmas coisas opostas fazem parte de uma unidade última. É uma ideia de Heráclito, por exemplo, que o “Um penetra o Múltiplo e a multiplicidade é apenas uma forma da unidade, ou melhor, a própria unidade” (SOUZA, 1973, p. 31).

No período pré-socrático, cada filósofo entendia que uma *physis* diferente era mais adequada para representar “o princípio eterno e imutável que está na origem da Natureza e de suas transformações” (CHAUÍ, 2000, p. 41). Para Tales, era a água; para Anaxímenes, o ar; e para Heráclito, o fogo.

Heráclito de Éfeso considerava a Natureza (o mundo, a realidade) como um “fluxo perpétuo”, o escoamento contínuo dos seres em mudança perpétua. Dizia: “Não podemos banhar-nos duas vezes no mesmo rio, porque as águas nunca são as mesmas e nós nunca somos os mesmos”. Comparava o mundo à chama de uma vela que queima sem cessar, transformando a cera em fogo, o fogo em fumaça e

a fumaça em ar. O dia se torna noite, o verão se torna outono, o novo fica velho, o quente esfria, o úmido seca, tudo se transforma no seu contrário (CHAUÍ, 2000, p. 138).

A transformação de uma coisa em seu oposto, a complementaridade de opostos, fica evidente no pensamento de Heráclito, quando ele considera que a realidade é a harmonia dos contrários e que estes “não cessam de se transformar uns nos outros” (CHAUÍ, 2000, p. 138). No que diz respeito às formas de conhecer o mundo, o filósofo sugere a diferença entre o conhecimento proporcionado por nossos sentidos – que “oferecem a imagem da estabilidade”, que é um engano – daquele alcançado por nosso pensamento – que “alcança a verdade como mudança contínua”. Para O Obscuro, “a contradição é a lei racional da realidade” (p. 227).

A complementaridade de opostos está representada em seu pensamento quando escreve: “conjunções: completas e não completas, convergente e divergente, consonante e dissonante, e de todas as coisas um e um de todas as coisas”; “Deus: dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, saciedade-fome, mas se altera como o fogo quando se confunde à fumaça, recebendo um nome conforme o gosto de cada um” (HERÁCLITO, 2002, p. 200); “o mesmo é vivo e morto, acordado e adormecido, novo e velho; pois estes, modificando-se, são aqueles e, novamente, aqueles, modificando-se, são estes” (p. 204). E, por fim, um de seus mais famosos aforismos: “não é possível entrar duas vezes no mesmo rio” (p. 205).

Caminhando da complementaridade de opostos para chegar à incerteza, outra noção que faz parte de uma epistemologia compreensiva, nos apoiamos em Blaise Pascal, um matemático francês nascido no século XVII que, além da dedicação aos números, também se interessava pelo estudo do latim, do grego, da lógica, da filosofia e da física. Aos 19 anos inventou a máquina de calcular, mas morreu muito jovem, aos 39 anos, em Paris.

Pascal vai desafiar um dos maiores pensadores de sua época, René Descartes, e a supremacia da razão, ao afirmar que o conhecimento é atingido também pelo coração e, por isso, é um órgão pelo qual o mundo pode ser apreendido. Como diz Manoel Vasconcellos (2010, p. 64) sobre o pensamento de Pascal, o coração “deve ser entendido não como uma faculdade de conhecimento, mas como uma faculdade de amor; de fato, o coração tanto pode se dirigir às coisas do mundo, quanto a Deus”.

O matemático percebe no ser humano uma inegável grandeza, mas, quando comparado à vastidão do universo, este mesmo grande homem é, também, muito pequeno. “Grandeza e limites, contudo, estão juntos. A grandeza do homem reside no fato de que só ele conhece seus limites” (VASCONCELLOS, 2010, p. 69).

Ter consciência de seus limites, é reconhecer que o ser humano é incapaz de ignorar tudo, mas também não pode abarcar todos os conhecimentos possíveis: “por isso vive incerto e flutuante, ardendo no desejo de encontrar uma plataforma firme ou uma base última e permanente” (VASCONCELLOS, 2010, p. 70). No entanto, esta tarefa é “sempre impossível, uma vez que não encontrará jamais segurança e firmeza”. Dessa forma, o sujeito, ao mesmo tempo que é incapaz de atingir um conhecimento firme, também não ignora totalmente as coisas do mundo.

Mesmo reconhecendo sua fragilidade, não cabe aos seres humanos duvidar de tudo. E essa angústia e incerteza na qual os indivíduos vivem, tem a ver com seu rompimento com Deus, relacionado ao pecado original (VASCONCELLOS, 2010). O reencontro com Deus só é possível, então, por meio de uma decisão do indivíduo, que precisa reconhecer as limitações de sua escolha. Ou seja, é preciso apostar na fé.

Se há um Deus, ele é infinitamente incompreensível, de vez que, não tendo nem partes nem limites, nenhuma relação possui conosco: somos, pois, incapazes de conhecer não só o que ele é, como também se ele é. Assim sendo, quem ousará empreender resolver essa questão? Não somos nós, que nenhuma relação temos com ele (PASCAL, 2002, p. 21-22).

Na hora de colocar na balança se vale ou não apostar, Pascal aconselha que “se ganhades, ganhareis tudo; se perderdes, nada perdereis”, pois “uma vez que é tal a incerteza do ganho e da perda, se só tivésseis que apostar duas vidas por uma, ainda poderíeis apostar” (PASCAL, 2002, p. 24). Apostar “envolve um risco certo e finito de ganhar ou perder e a possibilidade de obter um ganho infinito” (SANTOS, 2008b, p. 34).

Numa mirada contemporânea, pode ser que os pensamentos e as preocupações não estejam concentrados apenas na existência ou não de um Deus, mas é certo que o reconhecimento da incerteza do conhecimento e a investigação de como lidar com ela, ainda é algo que move a curiosidade e o interesse de pesquisadores e pesquisadoras, quando vemos estudiosos da contemporaneidade, como Morin e Santos, preocupados com as interrogantes de nossos tempos.

Eliane Brum e um ensaio de compreensão

A forma como Eliane Brum conta suas histórias, assumindo uma postura de incerteza, de levar em consideração os “talvezes” da vida, de não definir seus personagens como uma coisa ou outra coisa que se opõe à esta, de levantar mais perguntas que respostas e de não tentar convencer, mas apresentar perspectivas ao leitor e à leitora, é uma atitude alinhada ao signo da compreensão no jornalismo.

Em “Gumercinda e Alice querem viver”, talvez Gumercinda não volte à Afuá, talvez Alice não consiga sobreviver, talvez poucos filhotes nasçam na próxima desova, talvez muitos filhotes venham à vida... Não é possível afirmar algo sobre o futuro, apenas levantar possibilidades e reconhecer que não se sabe. Ao assumir as incertezas e dialogar com elas, a repórter consegue dividir com o leitor e a leitora a gravidade do problema que é a caça predatória às tartarugas-da-amazônia. É possível ter alguma noção do perigo, da ameaça e da fragilidade desses animais diante da ambição dos seres humanos – mas também conhecer como são fortes na tentativa de sobreviver.

Além de abraçar as incertezas, a repórter mobiliza leitores e leitoras ao levantar suas interrogantes, assumindo uma postura de quem tem muito mais a aprender com essas tartarugas do que ensinar alguma coisa sobre o assunto. Brum (2018) quer saber sobre Gumercinda “o que será que ela sente quando encontra seus pratos favoritos, suas frutas, a melhor de todas elas, o mucajá? Qual é a sensação de nadar ou de se expor ao sol? Como ela experimenta seus instintos?”. A repórter questiona também sobre qual deve ser a sensação de colocar os ovinhos na areia: “o que experimenta ela nesse momento? Não entendo a linguagem de Gumercinda, nem ela a minha”. A repórter pode até ter resposta para várias perguntas, afinal, o jornalismo é feito de investigação, pesquisa e apuração, mas alguns questionamentos parecem ser melhores se continuarem assim, abertos. Quando a repórter levanta interrogantes, ela faz com que nós, leitoras e leitores, perguntemos junto com ela.

A incerteza no texto de Eliane Brum parece estar relacionada àquilo que Blaise Pascal aborda a respeito da incerteza sobre o conhecimento e o reconhecimento de que nossa cognição não pode, jamais, apreender tudo. Em alguns momentos, o que nos resta, e que pode ser muito mais honesto, é admitir que não se sabe e, na proposta do matemático, apostar.

E então o dia amanhece no Tabuleiro do Embaubal. E o que vemos está fora dos adjetivos. Percebo que o limite não é só o da proximidade, mas também o das palavras. E é honesto reconhecê-lo logo. O repórter fotográfico Lilo Clareto e eu sabemos que as imagens e as palavras contarão apenas parcialmente uma

enormidade que é a própria vida narrando a si mesma. Belezaviolência como um único substantivo, fundido num só corpo de letras (BRUM, 2018).

Se as incertezas mobilizam a narrativa sobre a jornada pela reprodução e sobrevivência de Gumercinda e Alice, é a complementaridade de opostos que dialoga com a reportagem sobre a vida de “Quiabo”.

“O predador que virou protetor” é, também, professor, não com um diploma, mas por experiência de vida. Foram ribeirinhos como ele que ensinaram muito do que doutores e doutoras, como a “Cris das Tartarugas”, sabem hoje em dia sobre as tartarugas-da-amazônia. “Quiabo” deixou de constar na lista dos maiores caçadores da espécie, para figurar em outra lista: a dos melhores agentes de fiscalização que Tabuleiro do Embaubal já teve. De acordo com Brum (2018), “ele era o protetor que conhecia todos os truques dos caçadores. Mas era também um ribeirinho que conhecia a alma ribeirinha. Ele não tinha deixado de ser, mas acrescentado uma outra possibilidade de ser o que era.” “Quiabo” não era um vilão que se tornou um herói: ele acrescentou camadas de complexidade à sua personagem que sempre vai ser uma mistura de predador e protetor.

Luiz, agora, está desempregado, pois não é mais funcionário da prefeitura de José Porfírio. Mas, mesmo sem o emprego, não deixou o amor adquirido pelas tartarugas-da-amazônia de lado. Durante uma enchente, mesmo que não fosse mais seu trabalho a proteção dos animais, ele atuou como uma “parteira”, salvando várias tartaruguinhas do perigo – isso porque três dos seis agentes atuais, contratados para tomar conta da área de preservação, não apareceram para trabalhar naquele dia – desvelando, em mais um exemplo, o descaso do Estado com tudo o que envolve a região amazônica.

O que Eliane Brum consegue mostrar com a reportagem sobre Luiz Cardoso Silva é que, definitivamente, somos *homo complexus* (MORIN, 2001, p. 59), uma espécie que “sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador, ébrio, estático, é um ser de violência e de ternura”. “Quiabo” convive com as dualidades: em sua vida, não foi só uma pessoa malvada, nem só uma pessoa boa. Em muitos momentos, o conhecimento que tinha sobre o mundo, de uma perspectiva cientificista, podia valer pouco, mas, no final das contas, era ele quem estava ensinando doutores e doutoras, formados pela academia, sobre o comportamento das tartarugas-da-amazônia.

Os méritos de Eliane Brum com a reportagem são muitos: não fosse seu olhar atento, insubordinado, a escuta cuidadosa e a busca pelo diálogo e pela compreensão,

talvez nada saberíamos sobre essas várias personalidades de Luiz Cardoso Silva. Será que sua história é uma daquelas que o signo da explicação considera como importantes e possíveis matérias-primas para notícias? Ao narrar essa ordinária-extraordinária história de vida, a jornalista desloca uma perspectiva de que “Quiabo” era malvado porque caçava tartarugas ou benevolente porque agora ajuda a preservá-las. Fugir das dicotomias, dialogando com elas, incluindo a pluralidade de “eus” que forma os seres humanos, é pensar o cotidiano e a narrativa jornalística de forma complexa e compreensiva.

É importante que jornalistas, como Eliane Brum, dialoguem com as dualidades inerentes aos fatos e aos seres humanos. É preciso percebê-las. Mas enxergar os pares de opostos não quer dizer que, necessariamente, fatos e pessoas possam ser resumidos a só um desses lados da montanha – em alusão ao pensamento taoísta que vê os opostos complementares como dois lados de uma mesma montanha – pelo contrário: geralmente protagonistas do cotidiano carregam consigo lados ensolarados e de sombra. A postura que jornalistas precisam adotar é que compreender a complexidade da complementaridade de opostos e não adotar uma postura reducionista diante deles.

Considerações possíveis

Refletir sobre a questão do conhecimento e da prática do jornalismo sob o signo da compreensão, e não da explicação, faz com que pensemos que a pesquisa, assim como a compreensão, segundo Hannah Arendt (2008), nunca termina. É um processo que sempre vai deixar algum ponto por abordar – mas é preciso sempre continuar.

Perceber que existem exemplos de diálogo entre o jornalismo contemporâneo e as noções de incerteza e complementaridade de opostos, recupera uma confiança, interesse e esperança numa narrativa jornalística mais honesta e, acima de tudo, mais humana, porque não está munida da tentativa de explicar ou definir o cotidiano, mas, sim, compreendê-lo.

É certo que as narrativas sob o signo da compreensão não são as mais frequentes na mídia, mas alguns movimentos do jornalismo independente – como o praticado pela *Ponte*, *Agência Pública* e pelo *Nexo Jornal* e *Brio* – têm flertado com essas perspectivas mais complexas e, acima de tudo, com a ideia de que a reportagem é o formato mais nobre

do jornalismo e que mais cumpre sua função social: a de orientar cidadãos e cidadãs diante do caos do cotidiano (MEDINA, 2008).

Mas, quando jornalistas estão *afetos* a tentativa de compreender o dia a dia, e não de sua explicação, levando em consideração as noções de incerteza e complementaridade de opostos, é possível tecer uma narrativa muito mais complexa, mais humana e mais abertas às possibilidades e transformações, tão características do mundo real. Se a matéria-prima do jornalismo é a contemporaneidade, como o próprio jornalismo pode definir e explicar fatos que estão em constante transformação? Como fechar os sentidos do presente, se o próprio presente é alterado a cada segundo?

O jornalismo, que tem papel fundamental em nossa sensação de orientação diante do mundo, precisa levar, sim, em conta os momentos de incerteza e a complementaridade de opostos que são inerentes aos fenômenos sociais. Quando tenta responder perguntas ainda sem respostas, quando garante alguma coisa e, no dia seguinte, percebe que, na verdade, não há garantias, o jornalismo pouco ajuda. Pelo contrário, atrapalha e contribui para a instalação de um sentimento de caos, pânico e ansiedade na sociedade. E isso é, justamente, o contrário de sua função, que é transformar o caos num cosmos de sentidos, segundo Medina (2003).

Perceber que jornalistas estão problematizando a velha tradição do jornalismo e sugerindo diferentes formas compreensivas de narrar o cotidiano, faz com que vejamos um caminho aberto de possibilidades, inspirações e sugestões para o futuro da mediação social da informação. E, ao mesmo tempo, ver que alguns jornalistas e algumas jornalistas estão seguindo esse caminho, partindo para uma narrativa mais humana, complexa e compreensiva, reforça, ainda mais, que é preciso resistir, valorizar e realizar as narrativas do signo da compreensão – sempre que possível.

Sendo assim, quando repórteres vão às ruas para narrar os acontecimentos do cotidiano dispostos e dispostas a reconhecer a incerteza e a complementaridade de opostos, temos a sensação de estar diante de um jornalismo mais honesto com seus consumidores e consumidoras e com os próprios protagonistas sociais narrados. Com essa atitude, jornalistas nos fazem lembrar que o mundo é complexo, incerto, que tem seus momentos de luz e sombra, mas que é possível de compreender; não explicar, apenas ensaiar a compreensão.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Compreender**: formação, exílio e totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BRITO, Pedro Torres Debs. Comunicação e compreensão: uma contribuição para os estudos da Compreensão como Método, 2015. Dissertação de Mestrado, Faculdade Cásper Líbero.

BRUM, Eliane. Gumerinda e Alice querem viver. **El País Brasil**, 7 jan. 2018. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/05/ciencia/1515172862_322540.html >. Acesso em: 10 ago. 2020.

BRUM, Eliane. O predador que virou protetor. **El País Brasil**, São Paulo: 7 jan. 2018. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/05/ciencia/1515175403_825363.html >. Acesso em: 10 ago. 2020.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

DALLA ZEN, Ana Maria. Crise de paradigmas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 49-63, jul./ dez. 2010. Disponível em: . Acesso em: 20 fev. 2020.

HERÁCLITO. Fragmentos. In: **Heráclito**: Fragmentos Contextualizados. Ed. Bilíngüe, trad. e comentários Alexandre Costa. Rio de Janeiro, Difel, 2002.

JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da Trindade. Grandes projetos, urbanização do território e metropolização na Amazônia. **Terra Livre**, v.1, n.26, jan-jun, 2006, p. 177-194.

KÜNSCH, Dimas. A comunicação, a explicação e a compreensão: ensaios de uma epistemologia compreensiva da comunicação. **Líbero**, v. 17, n. 34, jul./dez. 2014, p 111-122.

KÜNSCH, Dimas. Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: pensamento compreensivo e comunicação. **Líbero**, v. 12, n. 24, dez. 2009, p. 41-50.

KÜNSCH, Dimas A. Teoria da compreensão: saber científico, comunicação e dialogia de saberes. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31, 2008, Natal. **Anais**. Natal: Intercom. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0946-1.pdf> >. Acesso em: 10 ago. 2020.

KÜNSCH, Dimas A. Compreendo ergo sum: Epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística. **Communicare**, Vol. 5 – nº 1 – 1º semestre 2005, p. 43-54.

KÜNSCH, Dimas A. **Maus pensamentos**: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume, 2000.

KÜNSCH, Dimas; DIAS, Everton; PASSOS, Mateus Yuri; FERNANDES, Paulo Emílio; BRITO, Pedro Torres Debs (Orgs.). **Para compreender o método da compreensão**. São Paulo: Uni, 2017a.

KÜNSCH, Dimas A.; KLAUTAU, Carolina. Jornalismo e com-preensão: uma aposta na ciência que está por vir. In: IX Seminário Alaic Cone Sul. Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 22-23 de maio de 2017. **Anais**: IX Seminário Alaic Cone Sul.

KÜNSCH, Dimas; MENEZES, José Eugênio; PASSOS, Mateus Yuri. Conhecimento, compreensão e cultura: aspectos intersubjetivos e epistemológicos da compreensão como

método. In: Encontro Anual da Compós, 26, 2017, São Paulo. **Anais do 26º Encontro Anual da Compós**. São Paulo: Compós 2017, p.1-23. Acesso em: 20 fev. 2020.

LANGER, Susanne. **Filosofia em nova chave**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 5. ed. Barueri: Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda. Déficit da abrangência nas narrativas da contemporaneidade. **Matrizes**, ano 2, n.1, segundo semestre de 2008.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2001.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX** – v.1 Neurose. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

OSÓRIO VARGAS, Raúl Hernando. **El reportaje como metodología del periodismo**. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2017.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Disponível em: <
<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/pascal.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

RESTREPO, Luis Carlos. **El derecho a la ternura**. Bogotá, Arango Editores, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, 80, p. 11-43, março 2008b. Disponível em: <
<https://journals.openedition.org/rccs/691>> . Acesso em: 10 ago. 2020.

SOUZA, José Cavalcante. **Heráclito**: fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro, Difel, 2002.

VASCONCELLOS, Manoel. Pascal: o silêncio dos espaços infinitos e a aposta da fé. In.: SILVEIRA, Denis Coutinho; HOBUSS, João (Orgs.). **Virtudes, direitos e democracia**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2010.